A ACOMPANHANTE

Cesar Chaves

A ACOMPANHANTE

Peça em um ato

A cena ocorre em um hospital, sala de espera e sala de atendimento

O tempo decorre nos dias atuais

Personagens:

1. Homem de 44 anos, professor, solteiro, solitário, que sofre uma síncope em sala de aula e posteriormente corre para o hospital a fim de investigar do que se trata. Carlos Eduardo Bragança.

2. Uma 'Acompanhante' de 21 anos, Poliana. Quer dizer, uma prostituta que vende o seu trabalho sob esse adjetivo eufemista, ardil comum nos dias presentes.

3. Recepcionista mulher

Outros pacientes que esperam:

4. Um velho

5. O enfermeiro que acompanha o velho

6. O segundo velho, o senhor Macedo

7. A velha que acompanha o velho Macedo

Dois casais:

O primeiro na casa dos 20 anos,

8. Mariana

9. Paulo

O segundo, por volta dos 35.

10. Selva

11. Joaquim Guilherme

12. Um jovem de 28 anos com a aparência de uma criança de 12, muito magro, cabeça raspada, vestido com o avental do hospital, uma máscara de oxigênio e o seu respectivo cilindro.

13. Um profissional da área de saúde que aplica o exame no professor.

14. Um médico.

ATO I

As cadeiras estão voltadas para a plateia. A recepção está na lateral esquerda.

A sala de espera está vazia. O primeiro a chegar é o professor. Ele estaciona na entrada da cena, depois anda pra cá e pra lá, olhando como se procurasse alguém, depois se senta em uma das cadeiras, no centro da cena.

Os personagens vão chegando aos poucos.

Primeiro a recepcionista, que dá a impressão de ser quem o professor espera. Mulher jovem e atraente. Ele se levanta para abordá-la, mas ela o antecipa e fala: - Um momento, o atendimento aos pacientes começa às oito! Faltam dez minutos ainda!

O professor solta uma interjeição de surpresa: - Oh... E retorna à sua cadeira. A mulher entra na recepção, que é um guichê de balcão, levando o nome próprio, coloca um chapéu com uma cruz vermelha na frente, um

avental branco, sai da recepção e cruza a cena para o outro lado.

Depois de um hiato suficiente para esfriar a ação anterior, ela retorna e cruza novamente a cena de volta para a recepção. Outro susto no professor, que a acompanha com o olhar.

O próximo a entrar é um velho escoltado por um enfermeiro. Levam uma eternidade para cruzar a sala e escolher a cadeira mais próxima à recepção. O enfermeiro sai pelo lado oposto à recepção, ou seja, por onde entrou.

O professor tem um livro na mão, *O mundo como vontade e representação*, do filósofo alemão Arthur Schopenhauer. Ele abre e começa a folheá-lo.

Entram o quinto e o sexto personagens. O casal de velhos. O professor presta atenção em sua lenta passagem. Como o velho anterior, leva uma eternidade para atravessar meia cena e sentar do lado esquerdo do professor, distando uma cadeira. Faz com a dificuldade

peculiar dos velhos, o velho desse casal apoia-se em uma bengala.

Na sequência, entra um casal jovem. Na faixa dos 25 anos. Estão moderadamente animados. E falam sobre trivialidades em um tom pouco adequado a um hospital. Eles se sentam à direita do professor, distando uma cadeira de separação. O professor lhes presta atenção, esperando, pelo menos um Bom dia. Mas eles o ignoram. O professor faz um esgar de surpresa e reprovação e volta ao seu livro.

Tão logo o professor volta-se ao seu livro, surge outro casal. Mais velho, na casa dos 35 anos. Vestido sobriamente, e se senta ao lado esquerdo do segundo casal de velhos. Conversam em tom adequado a um hospital, e chamam a atenção do professor, que o olha com nostalgia. Seu olhar é interrompido pela devolução do casal. Novamente o professor se volta a seu livro.

Por fim, entra em cena uma 'criança' (o jovem aparentando ser uma criança) empurrando seu cilindro

de oxigênio num tripé. Há um cano de plástico que leva o ar para o nariz. Todos se detêm para observar a figura singular. Com dificuldade ela anda até a cadeira ao lado do segundo casal e se senta, recebendo atenção desse; o homem pergunta: - Precisa de ajuda? O menino, tomando fôlego, responde: - Não. Tudo está bem. Está tudo bem.

O professor inquieta-se e passa a bater o pé no chão, e, a seguir, a mexer no cabelo, tiques de nervosismo. Depois se levanta e anda de um lado para outro da cena, irritando os demais. E olha para fora do palco, nas laterais, de novo sinalizando que está procurando por alguém.
Ele volta à sua posição.

Um minuto a mais de espera.
O professor, no limite, está com o tronco reclinado sobre as pernas e as mãos cobrindo o rosto contra elas.

Entra em cena a acompanhante. Vestindo uma roupa comum a alguém de sua idade.

A acompanhante anda pra cá e pra lá. Como não é abordada por ninguém, apanha o celular, tecla alguma coisa, possivelmente envia uma mensagem de texto e por fim liga para alguém. Mas não consegue se comunicar. Ela fica parada, telefone na mão abaixada, olhando o vazio. No fundo da sala se levanta o homem e se dirige a ela.

O professor caminha em linha reta para a mulher, mas depois faz um desvio, anda para a lateral direita do palco e então faz meia volta. Anda novamente em direção à moça. E na hora de cumprimentá-la, ele leva a mão aos cabelos e mais uma vez passa por ela. Na lateral esquerda da cena, eles se encaram à distância. Por dez segundos sustentam o olhar, e então o professor se dirige a ela e finalmente consegue falar:

P: - É você? Pergunta ele, interrompendo o silêncio.

GP: - Eu quem? Responde ela.

P: - Olhando assim, eu nunca diria...

GP: - E o que você esperava? Duas cabeças sobre o pescoço? Um nariz na nuca? Responde ela, entrando no clima.

P: - Sei lá! Eu nunca vi uma pessoalmente...

GP: - Tá bom, acredito.

P: - Não importa no que você acredita...

GP: - Desde que você me pague, acredito até no amor...

Um hiato e então ela retoma:

GP: - A propósito, onde está?

O homem hesita, mas depois puxa um envelope de dentro do casaco. A seguir o repassa à mulher. Ela o apanha e olha dentro, sem puxar o conteúdo para fora.

P: - Não precisa contar, está tudo aí.

GP: - É só por garantia. Todos cometem erros.

P: - Acho que ninguém ganha tudo isso apenas em uma hora. Médico, executivo, advogado.